

5

Conclusões Gerais

Ao início deste trabalho, nos propusemos responder a seguinte questão:

Seria o método pedagógico de inclusão digital desenvolvido pelo CDI uma resposta viável para o combate às desigualdades sociais no Brasil contemporâneo?

Em função da pesquisa realizada, passamos a refletir sobre essa correlação.

No livro editado em 2005, “*Cidadania Digital - como o CDI utiliza a informática e a educação para promover a inclusão social e transformar vidas*”, o foco do trabalho da organização, à época em seus 10 anos de existência, estava sintetizado, de forma clara, neste título.¹ Hoje, ao abirmos seu *site*,² verificamos uma maior complexidade de propósitos – expressando, possivelmente, não só a diversidade e o alcance das TICs, as Tecnologias de Informação e Comunicação, no cotidiano do século XXI, mas, principalmente, o amadurecimento da ONG em seu percurso de 15 anos de existência.

Vejamos tal proposição:

Somos uma organização que utiliza a tecnologia como uma ferramenta para combater a pobreza e a desigualdade, estimular o empreendedorismo e criar novas gerações de empreendedores sociais.

Ressalta-nos a pontuação do que, verdadeiramente, está em foco - “*combater a pobreza e a desigualdade*” – mas também “*estimular o empreendedorismo e criar novas gerações de empreendedores sociais*”. A complexidade desta abrangência nos chama a atenção. O olhar dirigido às novas gerações, nas quais buscam estimular o *empreendedorismo social*, concentra-se nas periferias das cidades, para identificação de jovens, homens e mulheres, que despontam ou sinalizam como lideranças naturais e são estimulados a ocupar esse espaço através da função de “*Educadores das Escolas CDI*”. Atuam como ‘*agentes de transformação*’ ou ‘*agentes de mudança*’ com a missão de transmitir, aos seus educandos, o desejo de aprender, assim como,

¹ No capítulo “*Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI*” nos alongamos sobre este aspecto da proposta CDI.

² Site do CDI: <<http://www.cdi.org.br>> Acesso em 17 de maio de 2010.

de olhar o mundo em consciência crítica e inovadora, na perspectiva de romper as barreiras socioeconômicas de um Brasil desigual. Uma função, em si mesma, empreendedora. Na atual proposição, sua amplitude de *‘educador social’* exige-lhe visualizar seus educandos como futuros *‘empreendedores sociais’* – que ainda tem, inicialmente, o árduo desafio de transformarem suas próprias vidas.

Desta forma, percorridos 15 anos de aprendizado, o CDI resgata suas raízes para fomentar o empreendedorismo e estimular a criação de novos empreendedores sociais.³

Em 1995, no surgimento do CDI, ocorria um momento de expansão das alternativas de intervenção social no Brasil. O Estado, em processo de recuperação econômica da moratória dos anos 80 (a *‘década perdida’*), já havia aberto portas ao compartilhamento de projetos sociais com as organizações não governamentais. E as grandes corporações reuniam-se em grupos de institutos e fundações empresariais, para implementar ações de investimento privado, nas comunidades, em parceria com as organizações sem fins lucrativos.⁴ Investiam em saúde e educação, mas principalmente, nas áreas da cultura e do meio ambiente.

Na década de 90, o Brasil começava a destacar-se, nas Américas, como um *‘celeiro’* de novos empreendedores sociais. Diferentes dos *‘empreendedores de negócios’*, que tinham um olhar aguçado para novos nichos econômicos lucrativos, os

³ No Capítulo *“Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI”* nos alongamos sobre a história de surgimento do CDI. Nesse processo, seu fundador, Rodrigo Baggio, ao propor de forma pioneira no Brasil o ensino da informática como caminho à inclusão social, desponta como *empreendedor social*. Em sua expressão mais aceita, o termo está vinculado à proposta da ONG Ashoka que especifica que o empreendedor social é um indivíduo que *“combina pragmatismo, compromisso com resultados e visão de futuro para realizar profundas transformações sociais.”* E ainda: *“aponta tendências e traz soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais, seja por enxergar um problema que ainda não é reconhecido pela sociedade e/ou por vê-lo através de uma perspectiva diferenciada. Através da sua atuação, ele (a) acelera o processo de mudanças e inspira outros atores a se engajarem em torno de uma causa comum. Em vez de deixar as necessidades da sociedade só para o governo ou a iniciativa privada, os empreendedores sociais identificam o que não está funcionando e buscam colocar em ação soluções para os problemas estruturais e sistêmicos da sociedade. Além disso, se comprometem a disseminar essas novas soluções e a persuadir toda a sociedade a tomar esses novos saltos também.”* Disponível em: <<http://www.ashoka.org.br/empreendedor-social/quem-e/>>. Acesso em 17 de setembro de 2010.

⁴ O GIFE – Grupo de Institutos e Fundações Empresariais (1995) e o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social (1998) são organizações que emergiram no Terceiro Setor, pela reunião de grandes empresas, brasileiras e com atuação no Brasil, com o objetivo de criar bases para novos investimentos privados em projetos sociais. Abordamos esta temática no capítulo *“Cidadania no Brasil e Emergência das ONGs”*.

empreendedores sociais estavam voltados aos *‘negócios sociais’*, ou seja, não visualizavam lucro ou dinheiro, especificamente, mas soluções criativas e sustentáveis para questões sociais até então insolúveis ou estagnadas. E organizavam suas ideias no formato de *‘Projetos Sociais’* – nos quais instituições nacionais e internacionais buscavam investir na ótica da “Responsabilidade Social”.

Neste cenário, em 1995, o CDI emerge com uma ideia pioneira de inclusão digital, articulando *Informática e Cidadania*, proposta de um jovem brasileiro, logo inserido no programa de *fellows* da ONG Ashoka – uma organização americana, sem fins lucrativos, que buscava empreendedores sociais, por todo o mundo, para financiar as melhores ideias.

O CDI em 2010, no amadurecimento crítico de suas ações ao longo desses 15 anos, propõe que o caminho para a transformação da pobreza e da desigualdade, no Brasil, passe pelo estímulo educacional à emergência de novos empreendedores sociais.

A maior parte dos coordenadores e educadores que atuam nas escolas CDI visitadas – “EIC” e “CDI Comunidade” – nos deixaram uma impressão, em suas falas e ações, de forte perfil de liderança e clara consciência dos seus propósitos de trabalho: promover a inclusão social através da inclusão digital e *‘transformar vidas’*. E são esses recursos humanos a grande roda que alavanca as propostas do CDI, lá na ponta, no contato direto e cotidiano com as comunidades.

O desenvolvimento dos trabalhos, nas Escolas CDI visitadas, não apontava para a dimensão maior do empreendedorismo social proposto. Mas ressaltava fortemente, queremos enfatizar, a perspectiva da *‘ação educacional’*, assim como, da meta da *‘transformação de vidas’* - que coordenadores e educadores percebiam em seu próprio percurso e de seus educandos. Neste sentido, insistimos aqui em alguns recortes de fala, considerados especialmente representativos para nossa argumentação.

Da coordenadora da “EIC” de São Cristóvão ressaltamos, por exemplo: ⁵

⁵ Os recortes aqui apresentados, são uma pequena parte dos depoimentos discricionados no capítulo “*Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI*”. São de nossa responsabilidade os grifos em caixa alta.

*As transformações a gente escuta, **AS TRANSFORMAÇÕES VEM PELO NOSSO EDUCADOR – QUE ESTÁ AQUI HOJE E É UMA TRANSFORMAÇÃO VIVA** – pessoas que relatam que aqui mudou muito sua perspectiva de vida, que não conseguiu o emprego, mas consegue conversar com as pessoas sobre tecnologia. E eu acho que transforma vidas porque elas se sentem mais felizes, mais aptas a fazer coisas novas e a se sentir bem!*

*O curso, no todo, ele tem uma **VISÃO EDUCATIVA**. A pessoa, às vezes, chega aqui e ela não tem perspectiva de nada. E aí começa a colocar seu olhar para outros horizontes, começa a conhecer as coisas, dentro daquela **VISÃO DE ESTAR MUDANDO SUA PERCEPÇÃO DE VIDA**. Esse é que é o diferencial.*

A coordenadora do “CDI Comunidade” da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, após inserir-se, em seu depoimento pessoal, no conjunto dos jovens que transformaram a própria vida no exercício do trabalho educacional de inclusão digital, nos declarou sobre suas atividades na Escola:

*É isso que te paga o trabalho no terceiro setor, não tem dinheiro que paga a felicidade de outra pessoa, você vê o cara tá crescendo, a transformação de vida naquela pessoa. **Você sente que a semente foi plantada, que ele [educando] não está a mesma coisa que quando entrou.***

*O objetivo que a gente se propõe – que é de **TRANSFORMAÇÃO DE VIDA e INSERÇÃO DE CIDADANIA – ESTÁ SENDO ALCANÇADO**. De dar a capacidade da pessoa **disputar o mercado de trabalho** com outras que fizeram outros cursos.*

***Quando você obriga ela a pensar, ela começa a participar**, mesmo sem saber, indiretamente – ‘ha, não gosto de política...’ – mas já vai agir com preocupação com determinadas coisas, tentando corrigir alguma coisa dentro da sua casa, corrigir a própria vida. Isso a gente percebe com as conversas.*

Ainda nos chama a atenção os relatos autoreferentes, como o depoimento de um dos educadores desta mesma Escola “CDI Comunidade”, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, que preparava-se, à época, de maneira confiante, para o processo de seleção do ITA-Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São Paulo:

Então eu era como qualquer um, em volta dos outros. Eu tinha um grupo que a gente era muito unido mas, por escolha da vida deles, eles se separaram. Pela visão dos outros, a gente era como os outros, só que eu, particularmente desde quando eu me conheço por gente, sou uma pessoa muito caridosa. (...)

*Desde criança, eu tive aquela facilidade de ensinar: eu nunca tinha alimentado isso, mas sabia que tinha isso em mim! **Eu nunca tinha explorado esse campo meu, mas estava oculto.***

A [gestora do CDI] me ensinou a ensinar. (...) Porque desde pequeno eu sabia que eu tinha o meu potencial, mas EU NÃO SONHAVA (...)

Agora imagina eu me formar como engenheiro na escola mais disputada do Brasil? (...) AGORA EU CONSIGO ME VER CHEGANDO ONDE EU QUERO.

Ou ainda do educador de duas Escolas CDI que ex-interno do Instituto Padre Severino, para jovens em cumprimento de ‘medidas socioeducativas’ (voltadas a ‘menores em conflito com a lei’), assim referiu-se sobre sua nova vida:⁶

Hoje o trabalho lá [Escola CDI] está sendo positivo, maravilhoso... Hoje eu não sou mais o menino que ia para a escola e “Aí, lá vai o menino infrator preso prá escola...” Hoje eu venho andando pela comunidade e “Aí professor, tudo bom...?” E é uma senhora varrendo o chão da casa dela na comunidade. (...)

Então eu vi que poderia estar trabalhando com esses meninos, com uma linguagem que os outros não tinham. Isso é uma coisa rica que eu aprendi. Foi o que eu percebi nesse momento. Foi o despertar! A partir disso a gente começou a fazer esse trabalho, dentro da EIC. (...)

Hoje eu ainda trabalho lá nessa instituição. Hoje eu posso dizer que faço parte da vida de muitos meninos. Tem menino que aprendeu informática comigo e depois trabalhou no Detran, tem outro que passou pelas aulas que eu dei e hoje tem uma banda de música evangélica e ele aprendeu a digitar as músicas que hoje ele faz, tem um outro que mora em Sepetiba e trabalha em outro ramo – mas essa visão foi muito boa para ele ver que poderia ser um trabalhador, mas não do crime. Essa vivência foi importante para a vida dele...

Hoje tem um menino que a partir dos assuntos elaborados na EIC e da vivência dele no CRIAM [Centro de Recurso Integrado de Atendimento ao Menor] ele descobriu o talento que ele sabia, jogar futebol, e hoje ele está treinando no Vasco da Gama, um time grande... Então, é um impacto positivo que a gente está tendo na vida desses adolescentes. (...)

Hoje são 100% na Escola de Informática do CDI. Temos Internet. Trabalhamos a conscientização na Internet. E tudo que a gente ensina para a comunidade, a gente ensina para os meninos.

Aspectos subjetivos, relacionados ao resgate da autoestima através do ensino ou do aprendizado da informática nas Escolas, encontravam-se presentes, o tempo todo, em cada relato. E aspectos objetivos, para alcance se situações socioeconômicas favoráveis.

⁶ O depoimento deste jovem encontra-se no capítulo “Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI”. Não grifamos partes específicas de sua fala porque cada frase do conjunto recortado é, a nosso ver, de grande impacto no propósito desta pesquisa.

Avaliamos que esta original articulação de *'Informática e Cidadania'*, em ação nas salas de aula - seja “EIC” ou “CDI Comunidade” - representa um avanço significativo em nossa cultura política, se dimensionarmos a importância do debate e da reflexão compartilhados, entre educadores e educandos, sobre direitos e deveres de cidadania e assuntos correlatos. Neste sentido, devemos considerar o que nos traz José Murilo de Carvalho sobre o fenômeno sociológico da “*pirâmide de cabeça para baixo*”, que temos vivenciado na realidade brasileira, em que direitos políticos e civis surgem, historicamente, em segundo plano, relativamente aos direitos sociais - uma prática consolidada em sucessivas ditaduras no século XX, no Brasil.⁷

Por outro lado, quando centramos nosso foco na questão crucial das desigualdades sociais, verificamos que na América Latina o Brasil fica apenas em melhor posição que a Bolívia e o Haiti. Além disso, ocupamos o desonroso 10º lugar no ranking das nações mais desiguais do mundo. E se nos voltamos ao novo índice criado, em 2010, pelo Pnud-Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento que mede o IDH-D, o Índice de Desenvolvimento Humano corrigido pela desigualdade, ficamos na marca de 0,629 – indicativo de uma realidade que desloca as dimensões de “*riqueza, educação e expectativa de vida ao nascer*” para níveis dramáticos de atraso, comparativamente.⁸

A exclusão digital é uma face desta distorção.

O caminho de transformação do cenário das desigualdades no Brasil é árduo. E, certamente, a educação já ocupa uma posição fundamental neste processo – embora em um ritmo ainda muito aquém do desejável.⁹ Daí podermos concluir sobre a

⁷ Conforme tivemos a oportunidade de abordar, no capítulo “*Cidadania no Brasil e Emergência das ONGs*”.

⁸ Segundo o último Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulgado em 23 de julho de 2010. De acordo com Flávio Conim, economista do Pnud no Brasil, “*Dez dos quinze países mais desiguais do mundo estão na América Latina e em função disso você tem uma medida de desigualdade 65% superior a medida de desigualdade dos países mais ricos*”. In: “G1 Brasil” em: “*No índice da desigualdade, Brasil perde status de alto desenvolvimento*”. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/brasil/noticia/2010/07>>. Acesso em 23 de julho de 2010.

⁹ A educação é um dos grandes desafios a serem enfrentados pelo Brasil no atual ciclo de desenvolvimento do país. Neste sentido, consideramos o último “*Ideb-Índice de Desenvolvimento da Educação Básica*”, divulgado pelo Governo Federal em 2010. Disponível em: <<http://www.sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>> Acesso em agosto de 2010. Segundo seus resultados tivemos, no período entre 2005 e 2009, um frágil crescimento nos índices observados no ensino médio (de 3,4 a 3,6); e nos anos finais do ensino fundamental (3,5 a 4,0). Melhorou um pouco mais acentuada verificou-se nos anos iniciais do ensino fundamental (3,8 a 4,6). O Brasil tem como meta alcançar as

importância de investirmos esforços em uma linha de evolução socioeconômica que também passe pela *‘educação complementar’* e que aponte para projetos de inclusão social com foco específico nas levas de *‘info-excluídos’* - antes que o atraso tecnológico acentuado agrave, cada vez mais, a problemática social no Brasil.

Nessa perspectiva, torna-se de especial importância, no Brasil do século XXI, iniciativas de caráter socioeducativo na área da *‘Inclusão Digital’*, conforme o projeto proposto pelo CDI. Em sua dimensão do *“Roteiro dos Cinco Passos”*, a metodologia do *“PPP – Proposta Político Pedagógica”*, inspirada em Paulo Freire, aponta que o olhar crítico, inicialmente dirigido à vida do próprio educando, desloque-se para a comunidade do entorno em uma perspectiva maior de transformação. Neste sentido, é proposta às Escolas CDI uma nova meta: formar *empreendedores sociais*, para que ao expandirem seus resultados a margens cada vez maiores da sociedade brasileira o façam de forma sustentável, criando agentes fomentadores de futuras intervenções.

Consideramos a atual proposta do CDI de estímulo ao empreendedorismo e de criação de novas gerações de empreendedores sociais, no presente momento, ainda um grande desafio às Escolas CDI – seja *“EIC”* ou *“CDI Comunidade”*.¹⁰ No período total de nossa pesquisa de campo (de junho a outubro de 2009), como tivemos a oportunidade de demonstrar, esse aspecto da proposta encontrava-se prejudicado, em seu alcance de resultados, pela baixa adesão de coordenadores e, por conseguinte, de seus educadores, ao *“Roteiro dos Cinco Passos”*.

O que as Escolas visitadas – *“EIC”* e *“CDI Comunidade”* – implementavam efetivamente, segundo já vimos, era a articulação *‘Informática e Cidadania’*. Ou seja, a aprendizagem do uso das ferramentas de informática e da pesquisa de conteúdos disponibilizados na Internet, sempre em torno do tema da *‘cidadania’* - levando a

notas 5,5 e 6,0 no ensino fundamental, respectivamente, em 2021 – patamar de qualidade já alcançado pelos países-membros da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) há quase dez anos, comparativamente. Também o relatório *“Educação para Todos”*, divulgado em janeiro de 2010 pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), nos demonstra a baixa qualidade do ensino nas escolas brasileiras, diretamente responsável por manter o país na 88ª posição no *“IDE-Índice de Desenvolvimento Educacional”*, atrás de países mais pobres como Paraguai, Equador e Bolívia.

Disponível em: <<http://www.educacao.uol.com.br/ultnot/2010/01/20/ult4528u926.jhtm>> Acesso em 20 de janeiro de 2010.

¹⁰ Conforme aqui apresentado no capítulo *“Inclusão Digital e Cidadania: o estudo do caso CDI”*, no item *CDI- Metodologia*.

debates e reflexões, em sala de aula, a cada novo módulo do curso. Neste sentido, uma resposta à info-exclusão – mas que pode avançar ainda mais no combate às desigualdades, se efetivamente integrada ao “*Roteiro dos Cinco Passos*”.

O “*Roteiro dos Cinco Passos*” estimula o empreendedorismo social na medida que indica um caminho de implementação das mudanças debatidas em sala de aula, no sentido de levá-las a efeito nas comunidades.

A autonomia demonstrada pelas quatro Escolas expressa a percepção de um saber construído nas vivências das práticas de trabalho nas comunidades – e isso é essencial para o alcance de resultados. Mas se não sistematizarem seus processos, à luz do “*Roteiro dos Cinco Passos*”, não poderão estender seus resultados às comunidades, nem compartilhá-los e aperfeiçoá-los junto à Rede CDI. Para abraçarem, efetivamente, o “*Roteiro dos Cinco Passos*” as Escolas necessitavam, à época dos levantamentos, de diálogos técnicos mais longos e assíduos - virtuais e presenciais - com o CDI Regional RJ. E, por extensão, com toda a Rede CDI, no compartilhamento das experiências e de dificuldades inerentes à complexidade da metodologia proposta.¹¹ Desta forma, na perspectiva de construir, gradativamente, as bases para o fomento de uma ‘*Cultura de Empreendedores Sociais*’.

A ‘*Cultura do Empreendedorismo Social*’ fomentada através das TICs e disseminada junto às comunidades, poderá impulsionar uma resposta de impacto às desigualdades sociais brasileiras em duas frentes:

(a) No crescente combate à info-exclusão – o que já nos exige o complexo cenário das Sociedades Informacionais;¹² e

(b) No desencadear de ciclos contínuos de novas intervenções sociais nos focos de pobreza, que a criação de empreendedores sociais habilitados ao uso das TICs, em áreas diversificadas, possibilitaria.

¹¹ A ideia do “*CDI 2.0*” de interconectividade virtual entre as Escolas CDI para troca de saberes, já estava sendo proposta pelo CDI como uma nova forma de trabalho, à época dos levantamentos. Entretanto, nas Escolas visitadas, ainda não havia qualquer prática internalizada ou planejamento do trabalho nesta linha de ação. Percebemos também que a não adoção plena do “*Roteiro dos Cinco Passos*” pelas Escolas visitadas, não era discutida de forma aberta e transparente entre coordenadores, educadores e gestoras de Escolas CDI.

¹² Conforme aqui apresentado no capítulo “*Conhecimento Tecnológico e Informação - a Era da Sociedade Informacional*”..

Nesta dimensão de continuidade, *a perspectiva de um círculo virtuoso de combate à pobreza e às desigualdades*: ex-educandos, tornam-se educadores e/ou empreendedores sociais em suas comunidades, espelhando para novos educandos, através de suas ações cidadãs - como *‘agentes de mudança’* -, possibilidades de crescimento pessoal, assim como, de intervenção social transformadora.

Na meta mais ampla de transformação social, o modelo “CDI Comunidade” se apresenta como o mais adequado, dado seu formato de autogestão e autosustentabilidade, a princípio em maior sintonia com os interesses do público alvo e da comunidade em que se insere. Neste sentido, o modelo está totalmente direcionado ao universo cultural local.

Desta forma, acreditamos que a *‘Cultura do Empreendedorismo Social’* associada às *‘Tecnologias de Informação e Comunicação’* e disseminada em salas de aula nas periferias pobres das grandes cidades brasileiras, através do “*PPP-Proposta Político Pedagógica*”, projeto inspirado no educador Paulo Freire, poderá contribuir para a implantação de uma *‘Cultura de Combate Sustentável às Desigualdades’*.

Finalizando, consideramos importante enfatizar, mais uma vez, que as perspectivas de **resultados sustentáveis** no combate à pobreza e às desigualdades sociais através do “*PPP*” apóiam-se nas reais possibilidades de adoção do “**Roteiro dos Cinco Passos**” em sua **integralidade** – o que, entretanto, no momento da finalização desta pesquisa (novembro de 2009), não estava sendo seguido nas Escolas CDI visitadas. Ressaltada a atenção para esse importante aspecto de nossas conclusões gerais, podemos então concluir relativo à questão apresentada a esse pesquisa: *Que o projeto de Inclusão Digital promovido pelo CDI - em sua especificidade de articulação metodológica dos temas ‘Informática e Cidadania’ - tem propiciado em seus resultados um caminho para o enfrentamento da info-exclusão no Brasil. Conseqüentemente, levado a inclusão social a educandos e educadores no alcance de pequenas e grandes mudanças em suas vidas mas, principalmente, de novas pretensões de futuro. Desta forma, tem possibilitado ‘transformações de vida’ e contribuído positivamente para o combate às desigualdades sociais em nosso país. Concluindo, nesse sentido, é uma resposta viável para o combate às desigualdades sociais no Brasil contemporâneo.*